

**a dança armorial do mestre emerson dias:
da pedagogia comunitária “recicla sons” a sonhos de vida possíveis**

**the armorial dance of master emerson dias:
from the community pedagogy “recycles sounds” to possible life dreams**

Amélia Vitória de Souza Conrado

Professora da Escola de Dança

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Salvador

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7491-488X>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14218845>

Resumo: Trazer a vida e obra de um Mestre das artes e culturas tradicionais do nordeste brasileiro é revelar uma fonte de riquezas e realizações por quem muito faz pela sua comunidade. Em nossa realidade, geralmente, as estruturas dominantes do saber e poder agem apagando pessoas e saberes oriundos de contextos que sofrem violências, desprestígio e desigualdades sociais. Superando esses impedimentos, este artigo evidencia a dança armorial do Mestre Emerson Dias, dançarino, músico, brincador e “reciclador” de vidas de sua comunidade de Tabajara, em Recife, Pernambuco. A convivência desde criança com grandes mestres/as dos *Maracatus de Baque Solto e Baque Virado*, os *Caboclinhos*, os *Cavalo Marinho*, *Côco*, *Capoeira* e outras manifestações das culturas negras, indígenas e populares, e grupos artísticos contemporâneos, construíram a base para a sua metodologia de ensino e criação. A partir desta experiência é que refletimos sobre a contribuição africana e afro-brasileira aos processos contemporâneos de criação cênica e mediações artístico-educacionais que podem e devem ser contemplados na Educação escolar, comunitária e de nossas universidades.

Palavras-chave: (1) Dança armorial; (2) Emerson Dias; (3) Pedagogia comunitária; (4) Recicla sons ; (5) Educação étnico-racial.

Abstract: To present the life and work of a Master of traditional arts and cultures from the Brazilian Northeast is to reveal a source of wealth and achievements for someone who does so much for his community. In our reality, the dominant structures of knowledge and power generally act by erasing people and knowledge that come from contexts that suffer violence, disrepute and social inequality. Overcoming these obstacles, the article highlights the armorial dance of Master Emerson Dias, dancer, musician, joker and “recycler” of lives from his community of Tabajara in Recife-Pernambuco. Since childhood, his coexistence with great masters of *Maracatus de Baque Solto* and *Baque Virado*, *Caboclinhos*, *Cavalo Marinho*, *Côco*, *Capoeira* and other manifestations of black, indigenous and popular cultures and contemporary artistic groups built the basis for his teaching and creative methodology. Based on this experience, we reflect on the African and Afro-Brazilian contribution to contemporary processes of stage creation and artistic-educational mediations that can and should be included in school, community and university education.

Keywords: (1) Armorial dance; (2) Emerson Dias; (3) Community pedagogy; (4) Recicla sons; (5) Ethnic-racial education.

Toada de licença

Ô de casa, ô de fora,
Manjerona quem está aí.
Ô de casa, ô de fora,
Manjerona quem está aí.
É um cravo, é uma rosa,
A porta mandou-se abrir.
É um cravo, é uma rosa,
A porta mandou-se abrir.
(OLIVEIRA 2006: 310)¹

Abri esta porta para revelar a história de vida e arte do Mestre Emerson Dias e do dossiê "*Artes Performáticas como Ferramentas Pedagógicas e Construção de Identidades*". Este projeto de escrita coletiva foi idealizado pela doutora e professora Vanda Machado, cujo ato de ser convocada é motivo de honra e compromisso, uma vez que somos pesquisadoras que se dedicam aos estudos étnico-raciais, refletindo-os na sua relação com as Artes, Educação e Culturas afro na diáspora brasileira e dos povos originários na contemporaneidade. Outro motivo relevante se dá pelos laços construídos com o Mestre Emerson Dias, por sermos artistas, cujas trajetórias e conhecimentos advêm de bases em comum, que se originam das culturas populares do nordeste brasileiro.

Destaco o fato de que ele é um dos responsáveis por me transmitir os conhecimentos e performatividades do *Cavalo Marinho*² - uma importante manifestação da Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco - em virtude de sua passagem pela cidade de Salvador, Bahia no ano de 2003. Ao conhecê-lo muito jovem e detentor de tantos conhecimentos desse segmento cultural, o modo como ensinava e atuava interpretando tal expressão me levava a constatar: "ele é um mestre"!

Os anos se passaram e um novo reencontro nos fez discutir a potencialidade da sua pedagogia, a qual registro e problematizo por meio desta produção escrita e reflexiva. Apesar da sua consolidada trajetória enquanto artista, educador e ativista social, Emerson diz que ele "*não é mestre!*", pois reconhece que esse título segue uma hierarquia neste segmento e tradição das Artes, em que os mais velhos em idade e no

¹ No decorrer do artigo, trago algumas toadas originárias do *Cavalo Marinho Estrela de Ouro* (Condado-PE), a partir da obra de Érico José Souza de Oliveira (2006), como inspiração para abrir os temas deste texto.

² Na ocasião de Emerson Dias vir dançar a coreografia "*O Pasto Iluminado*" de Maria Paula Costa Rego no *Atelier de Coreógrafos Brasileiros* da cidade de Salvador, BA, o mesmo me contactou para organizar o curso "*Dança e Música do Cavalo Marinho de Pernambuco*", o qual aconteceu na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia em 17 de outubro de 2003.

conhecimento do saber notório são identificados pela comunidade como Mestres e Mestras. Essa é uma questão que demandaria tempo e um foco específico para se tratar, o que não é o objetivo deste artigo.

A existência de pessoas que trazem outras Artes e seus modos de ensinar, aprender, criar no seu campo de formação são agentes responsáveis por possibilitar mediações no contexto das escolas oficiais de ensino das Artes, cujo conhecimento ocidental, branco e europeu prevalece como hegemônico. É neste sentido que abro este espaço de discussão no campo das Artes, com intuito de articular saberes, pedagogias, identidades e referenciais culturais comunitários (MACHADO 2017: 33) à uma história de vida, com fatos concretos de nossa realidade, retirando pontos de debate, discutindo problemas e apontando soluções.

O Mestre Emerson Dias é um multiartista porque dança, canta, toca instrumentos, cria personagens, objetos e figurinos, entre outras habilidades que domina e executa com talento. Isso o torna uma referência por onde quer que ele passe e interprete suas obras, ensinando aquilo que conhece para diferentes pessoas, lugares, espaços e realidades. Enquanto artista performático, educador e mestre, ele abre caminhos através do projeto “*Recicla sons*”, inspirando sonhos possíveis para crianças, adolescentes e jovens que têm acesso aos seus conhecimentos.

Origem e pertença ao território de arte da cidade Tabajara, PE

*Eu vi Oiô, eu vi Aiá.
Eu vi Mestre se balançar.
Eu vi Aiá, eu vi Oiô.
Mas o meu mestre se balançou.
(OLIVEIRA 2006: 333).*

O balançar desse Mestre é impulsionado pelas riquezas e tradições culturais da cidade Tabajara, PE, que é divisa entre os municípios de Olinda e Paulista. A história de ocupação do local inicia em 1975, quando pessoas de baixa renda fugiam das enchentes no Recife e passaram a morar nesta região. *Emerson Dias da Silva* é natural de Paulista, localizada no litoral norte do Estado de Pernambuco e nascido em 26 de setembro de 1974. Em 2024 completou 50 anos de idade e 30 anos exercendo a profissão de dançarino, músico e intérprete de importantes grupos da cultura popular e da arte contemporânea.

Seu pai, *Nildo Antônio da Silva*, exerceu a profissão de motorista; e sua mãe, *Cleonice Dias da Silva*, a profissão de doméstica. Em busca de trabalho e melhores condições de vida, emigraram para a cidade Tabajara. Na época de festas populares, eles incentivavam que manifestações culturais como “*A la Ursa*”, “*Burras*”, “*Boi*”, “*Morto carregando o vivo*”, “*Maracatus*”, “*Caboclos de Lança*” se apresentassem em frente à uma

barraca que possuíam. Foi em meio a essas expressões que Emerson cresceu e desde muito pequeno, aprendeu a apreciar aquelas brincadeiras.

Já aos 13 anos de idade, passou a dançar em uma Quadrilha Junina tradicional e a interpretar muitos personagens. Um tempo depois, foi marcador e começou a organizar a quadrilha junto a amigos e amigas do seu bairro. Aos 17 anos fundou a "Quadrilha Sararoca" e, junto a seu(u)a(s) companheiro(a)s, surge o desejo de querer estilizá-la. Por isso, foram pesquisar novos elementos para introduzir aos modos tradicionais.

Esse caminho de encantarias foi trilhado junto a importantes instituições formativas, como o *Maracatu de Baque Solto Piaba de Ouro* do Mestre Salustiano da Rabeca em Paulista, PE; o *Boi Matuto* e o *Grupo de Côco Seu Mané*, já falecido; o *Cangaia da Capoeira*, do Mestre Ulisses Cangaia, em que se tornou parceiro, dividindo o espaço comunitário para suas aulas de danças. Participou do *Cavalo Marinho Boi Pintado* do Mestre Grimário da cidade de Condado, PE; o *Grupo do Mestre Martelo* que é o *Mateus* mais antigo do Estado de Pernambuco; o *Cavalo Marinho do Mestre Biu Alexandre*; além de fazer trabalhos musicais com o músico *Naná Vasconcelos* (já falecido).

A participação nessas agremiações se deu de maneira espontânea, cujo vínculo construído com a comunidade enquanto músico, dançarino e brincador se firmam pelas "sabedorias assentadas nas práticas culturais" (SIMAS & RUFINO 2018: 42).



Figura 1: Mestre Emerson Dias conduzindo imersão Artística na Escola de dança da UFBA, promovido pelo *Grupo de Pesquisa GIRA* aberto à comunidade.

Fonte: Foto de André Frutuoso. Arquivo pessoal de Amélia Conrado. Ano 2024.

Estas, que permitem ampliar as possibilidades de inventar e interpretar o mundo, por meio das relações trocadas com o público, com a cena, com a ritualística, com as escolas, os projetos sociais, as instituições, nas quais o corpo manifesta esse entrecruzar de saberes.

Além disso, valho-me das palavras de Zeca Ligiéro (2019: 26), quando considera que a performance afro-ameríndia *“utiliza a música, a dança, a percussão, cenário e figurino de forma articulada e consistente (...) e logra grande comunicação com seu público”*.

Dança armorial e pedagogia comunitária na práxis de Emerson Dias

*Vaqueiro que corre gado.
Ele tem o seu bom gibão.
Vaqueiro que corre gado.
Ele tem o seu bom gibão.*
(OLIVEIRA 2006: 270).

Vestido neste *gibão*³ da cultura popular, a práxis-pedagógica em *Dança de Emerson Dias* nasce do entrecruzar daquilo que ele aprendeu/aprende com os Mestres e Mestras das suas comunidades; e o pensamento *Armorial* defendido e criado pelo poeta Paraibano Ariano Suassuna⁴. Essa vertente se configura como um movimento iniciado em 18 de outubro de 1970, com o objetivo de *“estimular a criação de obras com expressões técnicas, conceituais e que conscientemente são elaboradas para fixar estéticas que partem do romanceiro popular do nordeste”*⁵.

O *Movimento armorial* tem nos seus princípios a integração das Artes, valorizando as culturas nordestinas em diálogo com os saberes eruditos, ainda que essa categorização entre o que se convencionou como “Popular” e “Erudito” demarcou uma hierarquia de valores em que um saber era mais valorizado do que o outro no contexto acadêmico e social. Atualmente, os avanços nessa discussão indicam uma perspectiva de pensamento que supera essa dualidade e afirma a importância dos saberes

³ *Gibão* é uma roupa de couro utilizada por vaqueiros para entrar na caatinga. Simbolicamente, utilizamos essa expressão para fazer referência à fortaleza das manifestações culturais que “vestem” a práxis pedagógica de Emerson Dias.

⁴ Para saber mais sobre Ariano Suassuna, acessar biografia disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ariano-suassuna/biografia>. Acesso em: 21/10/2024.

⁵ Movimento armorial (Museu Afro Brasil Emanuel Araújo). Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indicebiografico/movimentosestetico/movimento-armorial>. Acesso em: 21/10/2024.

locais, regionais, nacionais, suas estéticas, poéticas, filosofias e fazeres, sem a necessidade de legitimá-los pelo pensamento europeu.



Figura 2: Cena do espetáculo *"Uma mulher vestida de Sol"* com o intérprete dançarino Emerson Dias. Teatro da Caixa Cultural - Recife, 2024.

Fonte: <https://www.facebook.com/grupogrial/> (Acesso em: 21/10/2024)

Na práxis-pedagógica de Emerson Dias, tais atravessamentos entre o que o mesmo denomina *"Do popular ao erudito"* se expressam na conjunção entre o corpo, a música, a ancestralidade, a encenação, o rito, o personagem, em que ele recria - dessas ricas experiências comunitárias - seus solos e performances coletivas, voltadas para a sua atuação como dançarino profissional. A exemplo disso, a sua participação como intérprete-criador do *Grupo Grial*, dirigido pela coreógrafa *Maria Paula Costa Rego*, continuadora do legado de *Ariano Suassuna*, legitima o seu interesse em exaltar a *Dança Armorial* como potencial campo de criação e ensino da dança.

Pode-se dizer que a sua pedagogia comunitária promove a experimentação de diferentes expressões artísticas que partem do contexto local e social dos estudantes, em que ele contempla diferentes aspectos e necessidades que se apresentam no cotidiano dessas pessoas. Seu trabalho como educador social de dança, e percussão com material reciclável, no projeto que ele intitula *"Recicla Sons"*, revela a sua preocupação com uma pedagogia aplicável às problemáticas sociais.

Nesse projeto, Emerson promove aulas de percussão e confecção de instrumentos musicais com material reciclado para as crianças da sua

comunidade, com objetivo de que as mesmas desenvolvam uma consciência ambiental, ao tempo em que aprendem as expressões culturais da região.

Figura 3: Projeto "Recicla Sons" de Emerson Dias.



Fonte: Acervo pessoal de Emerson Dias

Figura 4: Imersão artística na *Escola de Dança da UFBA* promovido pelo Grupo de



Pesquisa GIRA aberto à comunidade.

Fonte: Foto de André Frutuoso. Arquivo pessoal de Amélia Conrado. 2024.

Seu trabalho se expande ao espaço universitário, e chega em um momento de importantes transformações nas políticas e ações afirmativas voltadas à reparação daqueles que sofrem as consequências do sexismo, racismo, xenofobia, capacitismo, LGBT fobia, idadeísmo/etarismo, intolerância religiosa e outras. Citamos a sua aprovação no edital *Residências em Arte, Cultura e Extensão 2024*⁶ da *Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia*, concedido a *Mestres e Mestras da Cultura Popular* selecionados para contribuírem com a formação acadêmica dos estudantes por um período de seis meses.

Esta aprovação é fruto do trabalho realizado junto ao *Grupo de Pesquisa em Culturas Indígenas, Repertórios Afrobrasileiros e Populares (GIRA)*⁷, em que Emerson já vem colaborando por meio de vivências voltadas aos professores de dança, coreógrafos, agentes culturais, estudantes de graduação integrantes do GIRA, e da sua atuação artística, educacional e política. Valho-me das palavras da pesquisadora Nilma Lino Gomes (2020):

... a descolonização dos currículos é um desafio para a construção da democracia e para a luta antirracista. Descolonizar os currículos é reconhecer que, apesar dos avanços dos séculos XX e XXI, a colonialidade e o próprio colonialismo ainda se mantêm incrustados nos currículos, no material didático, na formação das professoras, dos professores, das gestoras e dos gestores da Educação (GOMES 2020: 231).

A inserção dos conhecimentos oriundos das populações que foram durante anos subalternizadas no pensamento social, nas instituições e nos currículos acadêmicos revelam que a luta antirracista tem alcançado resultados satisfatórios para as transformações das estruturas da colonialidade ainda vigentes na contemporaneidade.

Nesse sentido, a presença desse Mestre e de outro/a/es nos espaços de formação em dança - seja comunitários, acadêmicos ou artísticos - se configura enquanto uma representatividade destes saberes e agentes socioculturais, que contribui para

... descolonizar o olhar sobre os sujeitos, suas experiências, seus conhecimentos e forma como os produzem (...) que não somente podem tensionar o cânone, mas também o indagam e trazem outras e interpretações (GOMES 2020: 235).

⁶ Resultado do edital *Residências em Arte, Cultura e Extensão 2024*. Disponível em: https://proext.ufba.br/sites/proext.ufba.br/files/resultado_final_anexo_edital_residencia_s_em_arte_cultura_e_extensao_2024.docx.pdf. Acesso em: 21/10/2024.

⁷ Para conhecer o trabalho do *Grupo de pesquisa Gira*, ver: <https://www.grupogira.com.br/>.

Ainda segundo Gomes (2020: 236-239), esses conhecimentos afirmam identidades, cidadania, respeito à alteridade, contribuem com novas reflexões sobre a questão racial brasileira e africana, dentre outras temáticas da nossa sociedade.

Toada de saída

*Oi, lá se vai, lá se vai.
De parede arriba ninguém vai.
Oi, mamãe do céu me ajudai.
De parede arriba ninguém vai.
(OLIVEIRA 2006: 439).*

Sonhar é preciso, mas segundo Vanda Machado, “estabelecendo prazos para realização dos sonhos...”.

É derrubando “paredes” que tornamos sonhos possíveis. A pedagogia comunitária dos nossos povos há muito nos ensina formas de resistência, inventividade, recriação, superação e afirmação. Nesse contexto, ressaltamos a *Dança Armorial* como um importante movimento que reposicionou o lugar de marginalização das populações e culturas afrodiáspóricas e originárias - compreendidas também como *Culturas Populares* - dando espaço para novas perspectivas que hoje surgem e se afirmam nos contextos escolares, socioculturais, acadêmicos e outros.

A história de vida e Arte de Emerson Dias é uma, entre tantas outras, que precisam ser reveladas e incluídas nas pedagogias que potencializam nossas existências e subjetividades.

Referências

GOMES, Nilma Lino (2020). “O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos”. IN: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson & GROSGOUEL, Ramon. *Decolonialidade e Pensamento Afrodiáspórico*. 2ªed. Belo Horizonte, Autêntica: 223-246.

IPHAN (2013). *INRC do Cavalão Marinho*. Vol 2. Dossiê. Inventário Nacional de Referências Culturais do Cavalão-Marinho. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DOSSIE_CVMARINHO.pdf ACESSO EM:20/10/2024.

LIGIÉRO, Zeca (2011). *Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Garamond.

____ (2019). *Teatro das Origens: estudo das performances afro-ameríndias*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Garamond.

MACHADO, Vanda (2017). *Prosa de nagô: educando pela cultura*. 2ª ed. Salvador, EDUFBA.

MUSEU AFRO BRASILEIRO EMANOEL ARAÚJO (S/D). *Movimento Armorial*. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/movimentosesteticos/movimento-armorial>

Acesso em: 21/10/2024.

OLIVEIRA, Érico José Souza de (2006). *A Roda do mundo Gira: um olhar sobre o Cavalo Marinho Estrela de Ouro (Condado - PE)*. Recife, SESC.

OLIVEIRA, Maria Goretti Rocha de (1991). *Danças populares como espetáculo público no Recife, de 1979 a 1988*. Recife, O Autor.

PAIXÃO, Maria de Lurdes Barros da (2009). *Reelaborações estéticas da dança negra brasileira na contemporaneidade: análise e estudo comparativo das diferenças e similitudes na concepção coreográfica do Balé Folclórico da Bahia e do Grupo Grial de Dança*. Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes – Dança. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, São Paulo.

REGO, Maria Paula Costa (2023) (organizadora). *Poeira, sagrado e festa: 25 anos do Grupo GRIAL*. 1ª Edição. Recife, PE, Cepe Editora.

SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz (2018). *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro, Mórula.

Sobre a Autora

Amélia Conrado é Doutora em Educação, coreógrafa e ativista. Professora da Escola de Dança e pesquisadora dos Programas de Pós-graduação em Dança e Mestrado Profissional em Dança da UFBA. Líder do Grupo de Pesquisa GIRA - culturas indígenas, repertórios afrobrasileiros e populares. Autora de livros e artigos especializados em arte, Educação para as relações étnico-raciais, danças da diáspora africana-brasileira e culturas populares. *Ekedji do Terreiro Kwe Acè Jitolu*.